



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**PRÁTICAS EDUCATIVAS NO INTERNATO DA ESCOLA
DOMÉSTICA NOSSA SENHORA DA ANUNCIÇÃO -
ANANINDEUA/PA (1949-1959)**

Faneide Pinto França Bitencourt*

Este texto integra a pesquisa que está sendo desenvolvida no Mestrado em Educação da Universidade do estado do Pará que tem como título *Educação em Internato: formação de meninas desvalidas na Escola Doméstica Nossa Senhora da Anunciação - Ananindeua/PA (1949 a 1971)*.

Na tentativa de compreender como eram formadas as meninas desvalidas e pensionistas internas nesta instituição confessional, este trabalho tem como objetivo investigar as práticas educativas desenvolvidas no internato.

Essa pesquisa é de natureza histórico-educacional, tendo como método de investigação a História Oral, que segundo Freitas (2006, p. 18) caracteriza-se como “um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana”.

O trabalho com narrativas orais muito tem a contribuir com a pesquisa, uma vez que configurar-se como uma alternativa de expandir as informações sobre o objeto

* Pedagoga, especialista em Gestão e Docência do Ensino Superior, cursando Mestrado em Educação na Universidade do Estado do Pará. Servidora efetiva da SEDUC-PA, atuando como Técnica em Educação e Professora das Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

investigado, obtendo outro olhar em relação a sua história. Sobre as narrativas orais diz Chizzotti (2008).

...as possibilidades que os recursos aos testemunhos orais podem oferecer, como suprir deficiência de documentos disponíveis, alcançar informações não registradas ou inacessíveis, compreender o contexto vivido para além das informações unidimensionais oferecidas pelos documentos, extrair uma perspectiva não-oficial, registrar a visão de grupos que não tem tradição escrita ou domínio dela. (CHIZZOTTI, 2008, p.107)

Dessa maneira, a história oral deve ser entendida como um método de pesquisa, onde o pesquisador reúne informações orais de uma ou até mais pessoas sobre determinada coisa, lugar ou acontecimento. Esses dados são organizados e interpretados de modo a serem transformados em saberes históricos. Para Lozano (2006, p.17) “fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e experiência dos outros”.

As duas religiosas que irão participar do estudo foram professoras e diretoras da Escola Doméstica Nossa Senhora da Anunciação entre as décadas de 1950 e 1970, inclusive uma delas tendo sido aluna interna da instituição. As cinco ex-alunas estiveram internas na escola no mesmo período em que as religiosas atuaram, sendo que duas estudaram entre os anos de 1950 e 1960 e as outras três estiveram internas entre os anos de 1970.

Além das narrativas orais, trabalharei também com as seguintes fontes históricas: histórico do colégio, regulamento interno da escola, fotografias e um conjunto de obras da Congregação das Irmãs Servas de Nossa Senhora da Anunciação (História das Irmãs servas de Nossa Senhora da Anunciação na Hungria, História das Irmãs servas de Nossa Senhora da Anunciação no Brasil e História das Irmãs servas de Nossa Senhora da Anunciação no Comunismo), entre outras.

Os documentos são fontes, que devem ser analisados minuciosamente, com olhar atento e crítico para cada detalhe, mesmo que algumas vezes eles nos pareçam imperceptíveis. Nós, enquanto pesquisadores cautelosos, devemos ter a preocupação de analisar as fontes com especial atenção, uma vez que as mesmas fazem referência a um determinado contexto, trazendo informações que podem nos induzir a conclusões imprecisas. Para tanto, podemos inferir que

...é preciso considerar que nenhum documento é neutro. É preciso compreender o documento no contexto em que foi produzido. As palavras e expressões contidas no documento são carregadas de significados que variam no tempo e no espaço. Nem sempre os seus significados se mostram claros ao pesquisador e podem se constituir em armadilhas ao seu trabalho. (RODRIGUES; FRANÇA, 2010, p.61)

Segundo Bacellar (2005) a relação entre os historiadores e as fontes documentais sofreu mudanças no decorrer do tempo. Desde os que viam os documentos como verdade, testemunhos neutros do passado, até aqueles que analisam os discursos presentes nos documentos, desconstruindo conteúdos e contextualizando fatos e visões.

Para tanto, esta pesquisa deve trilhar caminhos que nos permitam juntar os indícios que evidenciem o cotidiano daquele ambiente, buscando dar visibilidade para as coisas que podem parecer comuns. Para Del Priore (1997) “estamos em um momento que é emergencial que busquemos o novo, o diferente, o sensacional. Assim, devemos empregar forças naquilo que está encoberto pela banalidade de nosso cotidiano.”

Sobre o uso de fontes históricas na pesquisa podemos afirmar, de acordo com Rodrigues e França (2010) que

Os documentos assumem hoje as mais variadas formas e podem ser encontradas nos mais variados lugares. As informações que se pretende obter de um determinado objeto de estudo podem ser encontradas em livros, revistas, correspondências, diários, noticiários de rádio, televisão, filmes, internet, produções iconográficas, testemunhos orais, entre tantas outras. (RODRIGUES; FRANÇA, 2010, p.55)

A relação do micro com o macro é vital, tanto que Nosella e Buffa (2009, p. 62) questionam “[...] como, sem desprezar as novas abordagens do singular, chegar a compreensão racional e universal da realidade?...é preciso articular o particular com o geral, isto é, com a totalidade social, evidenciando interesses contraditórios(...)”

Dessa forma, irei dar atenção aos indícios que possam auxiliar na compreensão da história deste internato. Para Ginzburg (1980) essa é uma forma interpretativa que se baseia nos resíduos e indícios que evidenciam a história, através de detalhes considerados muitas vezes normais, sem importância. Por tanto, o pesquisador que envereda neste caminho deve primar por operações intelectuais que envolvam a análise, a comparação e a classificação dos dados obtidos durante a pesquisa.

Nessa perspectiva aquilo que é considerado simplório e comum pode revelar riquezas de detalhes através das pistas encontradas nas diferentes fontes, possibilitando dar visibilidade a fatos negligenciados até então, buscando a conexão entre o objeto estudado e seu contexto histórico e social. Para Burke (1992)

o relativismo cultural obviamente se aplica, tanto a própria escrita da história, quanto a seus chamados objetos. Nossas mentes não refletem diretamente a realidade. Só percebemos o mundo através de uma estrutura de convenções esquemas e estereótipos, um entrelaçamento que varia de uma cultura para outra. (BURKE, 1992, p.15)

1-EDUCAÇÃO DE MENINAS NA ESCOLA DOMÉSTICA

Nesses primeiros momentos da pesquisa algumas descobertas significativas foram feitas, inclusive sobre o foco de discussão deste texto: as práticas educativas que eram realizadas cotidianamente na instituição.

O internato funcionava com turmas de 1º ao 4º ano primário, nos turnos da manhã e tarde, sendo que no horário oposto ao que estudavam as internas tinham outras atribuições. Diariamente participavam das celebrações religiosas, dos afazeres domésticos, das oficinas e das lições, sendo que tudo era acompanhado cuidadosamente pelas irmãs.

Para Conceição (2012) os internatos surgem no Brasil na segunda metade do século XIX para fins de instrução ou educação, apresentando forte influência jesuítica e européia. Esse modelo de regime educativo prevalece até a metade do século XX, período de fundação do colégio foco desta pesquisa. Segundo o autor configura-se no país neste período histórico, uma política educacional que passa a adotar o regime de internato como modelo educativo, uma vez que

A educação brasileira revela uma prática ou estratégia histórica de instruir, educar e moldar meninos e meninas nas regras do bem viver. Trata-se da “pedagogia de internar” praticada em diversas “instituições fechadas” como colégios, seminários, recolhimentos, conventos, etc. (CONCEIÇÃO, 2012, p. 31)

O interesse pelo que Goffman (1974) denomina de instituições totais, em especial por internatos, sempre me acompanhou desde o início de minha trajetória acadêmica. Essas instituições educativas voltadas para a formação integral e para o

trabalho são campos fecundos de estudo para compreensão da expansão dos processos educativos no Brasil, em particular na Amazônia.

Segundo Goffman (1974) instituições totais são espaços onde indivíduos convivem juntos por um determinado tempo, realizando atividades com regras e obrigações iguais para todos. A administração dessas instituições é marcada pela formalidade e pelo rigor, onde a autoridade e a disciplina são intensas. Como exemplos desses espaços podemos citar: orfanatos, leprosários, penitenciárias, quartéis militares, escolas internas e conventos.

O ritual diário das internas iniciava às cinco horas da manhã quando levantavam para o café, o qual era feito em forma de rodízio por elas mesmas. Após o desjejum participavam das celebrações religiosas realizadas na capela do internato por um padre do Seminário Pio XX, localizado as proximidades do internato.

Em seguida algumas internas eram encaminhadas para as aulas e as demais desempenhavam as atividades domésticas do internato e as oficinas de prendas do lar. No horário da tarde as obrigações eram invertidas, de modo que todas tivessem responsabilidade e participação ativa em tudo o que era realizado na instituição.

Toda essa rotina externava o caráter formativo para o papel que a figura feminina deveria desempenhar na sociedade: Cuidar da família, nos aspectos religiosos, domésticos e afetivos.

Para podermos compreender os princípios educativos de uma instituição e estabelecermos uma relação entre as suas especificidades e seu meio social é

... essencial indagar a origem social e o destino profissional dos atores de uma instituição escolar para se definir o sentido social da mesma; assim como é essencial analisar os currículos aí utilizados para se compreender seus objetivos sociais. (Nosella; Buffa, 2009, p. 83)

Dessa forma, percebemos que ao incluir as prendas domésticas no currículo da instituição, fica evidente a concepção educativa da escola, a qual está atrelada a um contexto social mais amplo onde não havia para a mulher, até aquele momento, espaço no mercado de trabalho, ficando a figura feminina restrita ao lar.

As celebrações religiosas eram obrigatórias, sendo que a cada dia um grupo de meninas participava da organização e dos ritos da missa. Suas funções incluíam escolher

os hinos religiosos, participar dos corais, auxiliar na distribuição da eucaristia e realizar leituras do evangelho.

2-PRÁTICAS EDUCATIVAS NA ESCOLA DOMÉSTICA

O conceito de que utilizo é de práticas educativas entendidas enquanto práticas culturais. Para Chartier (1990) as práticas culturais intencionam o reconhecimento das identidades e dos processos culturais de determinados indivíduos ou grupos, contribuindo assim de forma determinante para a formação de seu universo cultural e social.

Lições de leituras:

Aconteciam duas vezes por semana, onde as professoras “tomavam a lição de leitura” das alunas internas de maneira individual e coletiva, sendo que o livro didático era utilizado somente pela professora, a qual passava os conteúdos no quadro-negro, que eram copiados no caderno pelas alunas internas.

No momento da leitura individual, o silêncio era obrigatório para que as professoras percebessem erros na leitura e vícios de linguagem, os quais eram rigorosamente corrigidos.

Quartas de Sabatinas:

As alunas internas copiavam a tabuada repetidamente nos cadernos para que pudessem “decorar” de maneira mais rápida e efetiva.

As sabatinas de perguntas em relação à tabuada matemática aconteciam uma vez por semana, se caracterizando como um momento de tensão, uma vez que as meninas que não conseguiam acertar as perguntas eram castigadas fisicamente na frente da turma com a temida palmatória.

Prendas domésticas A: Pintura, bordado, corte-costura e culinária

Participavam destas atividades as meninas pensionistas que podiam adquirir os materiais necessários para as atividades e algumas meninas desvalidas selecionadas pelas religiosas como mérito por obediência e bom comportamento.

Essas prendas aconteciam em uma grande sala sob supervisão das religiosas. Apesar do controle das Irmãs, as meninas usavam esse momento para interagir e socializar suas experiências.

Prendas domésticas B: Horticultura, avicultura e criação de suínos

Participavam dessas atividades, quase que exclusivamente, somente as meninas desvalidas, salvo algumas exceções. Parte da produção dessas atividades era vendida para auxiliar na manutenção do internato e a outra parte era consumida pelas religiosas e internas.

Cerimônias religiosas A: Missas, Cultos, Primeira Eucaristia e Crisma

Eram as cerimônias religiosas mais tradicionais do internato, sendo realizadas pelos padres salesianos residentes no Colégio Salesiano do Carmo, localizado as proximidades da Escola Doméstica.

As religiosas e as alunas internas participavam ativamente dessas celebrações, sendo das meninas a responsabilidade de organizar e limpar a capela, selecionar os cânticos e realizar as leituras bíblicas.

Cerimônias religiosas B: Catecismo e Confissão

Essas cerimônias aconteciam todos os sábados, no entanto as missas e momentos de oração aconteciam diariamente, em vários momentos. Mensalmente um padre salesiano comparecia no internato para ouvir a confissão das religiosas e das alunas internas, designando as devidas penitências e controlando o comportamento das meninas.

Tomando como base o relato de uma ex-interna no que se refere às oficinas de prendas do lar, podemos inferir que se tratava de atividades manuais como bordado, pintura, corte/costura e culinária, as quais aconteciam sob a supervisão das irmãs em um salão grande do colégio. As meninas não podiam conversar entre si no momento das oficinas caso contrário, sofriam fortes penalizações, que incluíam castigos físicos, isolamentos e suspensão de alimentação.

Ao refletirmos sobre as práticas educativas e o controle disciplinar com que eram realizadas no contexto do internato, devemos buscar a compreensão de que as práticas são consideradas um hábito, por muitas vezes algo normal necessitando tornar-se visível “antes de tudo evidenciando que toda prática é simbólica, ou seja, arbitrária, convencional, ordenadas por regras.” (Carvalho; Hansen, 2011, p. 61)

Assim, os trabalhos manuais como todos os outros, deveriam ser realizados com dedicação, concentração e disciplina, para que o produto do trabalho fosse de excelência, pois seus fins incluíam desde o uso e consumo pelas irmãs, até a venda dos produtos.

Essa produção das internas, quando não era absorvida pelas próprias irmãs, era exposta em uma vitrine na entrada da instituição para serem vendidas, em geral para os familiares nos dias de visitas. O lucro das vendas era revertido ou empregado em algum tipo de benefício para o colégio.¹

Os serviços de horticultura e avicultura eram os considerados mais pesados pelas internas, as quais faziam o que podiam para evitá-los. Os animais e ovos eram em parte consumidos no internato, enquanto que a outra parte era vendida para subsistência do colégio.

É evidente que tais atitudes tomadas pelas internas resultavam em restrições e punições por parte das religiosas, na tentativa de disciplinar as alunas, para que fossem obedientes as normas estabelecidas pela instituição. Tais punições deveriam também servir como exemplos para evitar reincidentes comportamentos de subversão da ordem.²

Ao analisarmos atas de reunião com os docentes, percebemos que estas também apresentavam insatisfação por parte dos professores com algumas normas do estabelecimento, como a obrigatoriedade do uso da capa didática, o cumprimento extremamente rigoroso de horários e prazos pequenos para entrega de diários de classe.³

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscarmos compreender como as práticas educativas desenvolvidas no Colégio Nossa Senhora da Anunciação podem nos revelar o cotidiano deste internato, devemos primeiramente fazer uma reflexão dessa forma de regime educacional.

Para Conceição (2008) a “pedagogia de internar” é caracterizada pelo controle de internos por uma “equipe dirigente”, em um espaço específico, onde o poder da disciplina e a conformação moral são trabalhados de maneira intensa.

Considerando o que diz Foucault (2003), podemos inferir que o rigor dentro dos internatos tinha um caráter disciplinador. O poder de controlar o tempo e o espaço denota

¹ Realização de pequenas reformas, compras de gêneros alimentícios e de produtos de limpeza. (Relato de uma ex- interna)

² A indisciplina era fortemente combatida por meio de punições que incluíam castigos físicos, isolamento, suspensão de alimentação e de visitas. (livro de ocorrência de internas-1959)

³ Aparecem relatos de exigências de professores propondo alterações nas normas da escola com relação aos seus direitos e deveres. No entanto, a maioria dessas reivindicações não eram atendidas pela direção da instituição.

as instituições internas seu caráter hierárquico, punitivo e vigilante com relação a todas as atividades desenvolvidas em seus domínios.

Ao longo dos tempos a igreja católica começa a perder prestígio. Na tentativa de reafirma-se enquanto religião dominante inicia em meados do século XX um processo de reformulação, onde ao perceber que está perdendo forças e conseqüentemente poder, busca na educação e formação cristã uma forma de reafirmar-se enquanto instituição detentora de influência na sociedade.

Como a instituição pesquisada estava subordinada a igreja católica, deveria assim seguir seus princípios e fundamentos, primando por uma educação que ressaltasse os valores religiosos, a perfeição humana, a obediência e o serviço a religião.

Dessa forma, as práticas educativas postuladas pela instituição deveriam priorizar atividades que trabalhassem os valores religiosos e morais defendidos por sua mantenedora: a igreja católica.

Assim, por várias décadas as meninas internas neste colégio foram educadas para servirem a igreja e a família, trazendo em suas formações os princípios religiosos, as prendas domésticas e a obediência. Vale ressaltar, que esses princípios sofriam questionamentos por parte das internas, no entanto esses conflitos eram combatidos fortemente.

É claro que em um ambiente permeado por rigor e controle excessivo, onde a disciplina e a punição eram fortemente difundidas, os conflitos eram igualmente latentes e aparecem descritos em algumas fontes.

Foi possível verificar que nem todas as meninas aceitavam os rigores do internato de maneira passiva. Alguns movimentos de reações aparecem relatados em documentos, como negação e incitação a não participação das atividades, furtos de produtos da dispensa e ocultação de materiais das irmãs.

A variedade de fontes nos permitiu essas primeiras aproximações nesse momento inicial da pesquisa, no entanto muito ainda temos a avançar, uma vez que ainda não foi possível analisar boa parte do material coletado.

Podemos perceber que a Escola Doméstica primava por uma educação religiosa, onde as meninas eram formadas para servirem à Igreja, à família e ao lar, onde a aprendizagem acontecia por meio da “repetição” e pelo ato de “decorar/copiar”.

Percebe-se também um contraste na formação das meninas, uma vez que existia diferença na participação das atividades oferecidas na instituição, havendo uma diferenciação tanto na educação quanto no modo de tratar as meninas desvalidas e pensionistas.

Finalmente, podemos colocar que o estudo mais aprofundado da história deste internato e das práticas educativas nele desenvolvidas muito tem a contribuir para a história da educação paraense. Uma vez que o regime de internato caracterizou o ensino formal por várias décadas em nosso estado, trazendo nesta modalidade educativa aspectos sociais, culturais, políticos e históricos que podem nos auxiliar a compreender o contexto regional daquela época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, Peter. Abertura: A nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (Org). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. pp. 7-37.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares. **A pedagogia do internar: Uma abordagem das práticas culturais do internato da Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão-SE (1934-1967)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

BACELLAR, Carlos. Fontes Documentais: Uso e mau uso dos arquivos. In. PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 23 a 80.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de; HANSEN, João Adolfo. Anne-Marie Chartier: historiadora das práticas culturais. In. REGO, Teresa Cristina (org). [et al] **Memória, História e Escolarização**. Coleção Pedagogia Contemporânea, Vol. 3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 57-90.

CHARTIER, Roger: **A história cultural entre práticas e representações**; tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FRANÇA, Maria do P. S. G. S. A; RODRIGUES, Denise Simões. A pesquisa documental sócio-histórica. In. OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org);

FONSECA, Thais Nívea de Lima. História da Educação e história cultural. IN: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thais Nívea de Lima (Orgs). **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. pp. 43-75.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. 41 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GINZBURG, Carlo. "Sinais: Raízes de um paradigma indiciário". In. GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. [trad. Frederico Carotti]. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 1980, p. 143-179.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. [trad. Dante Moreira Leite]. 7ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs). **Usos & abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Instituições escolares: Por que e como pesquisar**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PRIORE, Mary del. História do cotidiano e da vida privada. In. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 259-296.

FONTES

DOCUMENTOS DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DA ANUNCIÇÃO-ANANINDEUA/PA

ANNES, Irmã Teresinha de Jesus Dias. **HISTÓRIA DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS SERVAS DE NOSSA SENHORA DA ANUNCIÇÃO NO BRASIL**. Acervo particular da Congregação das Irmãs Servas de Nossa Senhora da Anunciação. Ponta Grossa/PR. s.d.

JANK, Irmã Márcia Madalena. **Histórico do Colégio Nossa Senhora da Anunciação**. Biblioteca Madre Ignácia. Ananindeua. 2007.

HISTÓRIA DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS SERVAS DE NOSSA SENHORA DA ANUNCIÇÃO NA HUNGRIA. Acervo particular da Congregação das Irmãs Servas de Nossa Senhora da Anunciação. Ponta Grossa/PR. s.d.